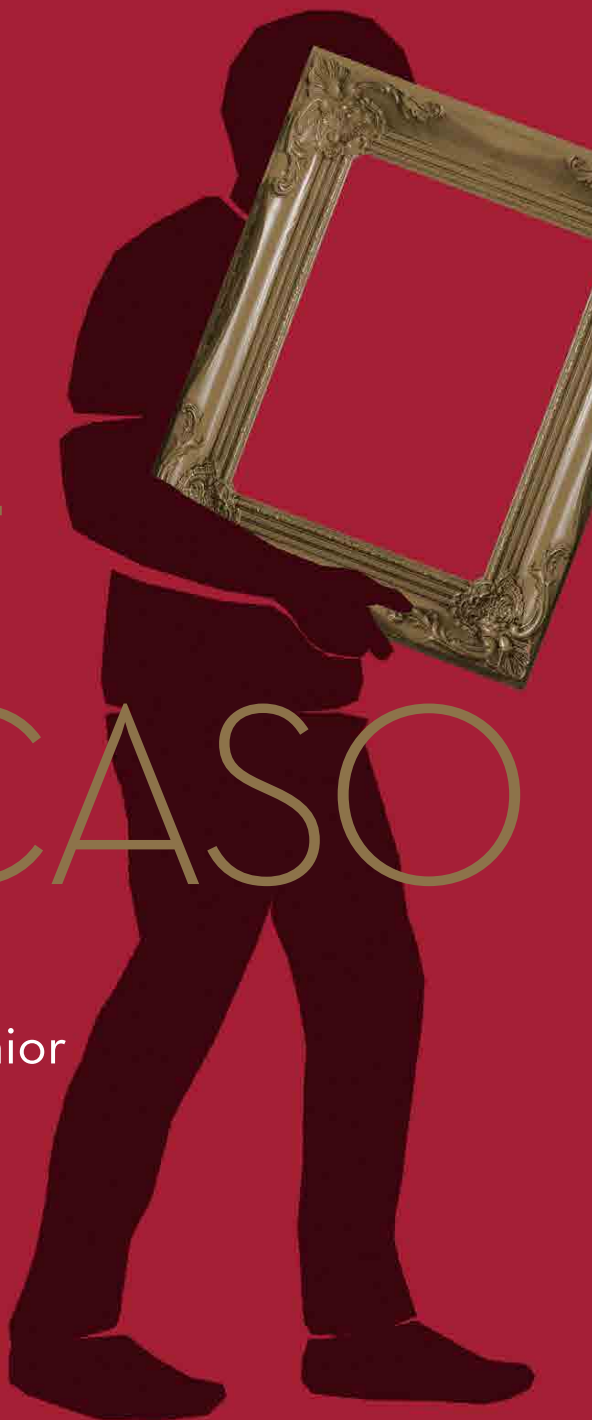


CRISTINA TARDÁGUILA

A ARTE DO DESCASO

A história do maior
roubo a museu
do Brasil



CRISTINA TARDÁGUILA

A
ARTE
DO
DESCASO



CRISTINA TARDÁGUILA

A ARTE DO DESCASO

A história do maior
roubo a museu
do Brasil



Copyright © 2015 by Cristina Tardáguila

PREPARAÇÃO

Kathia Ferreira

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Vania Santiago

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Contágio Criação

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira

FOTO DA AUTORA

Leo Aversa

CRÉDITOS DAS IMAGENS:

Pp. 39 e 40: © Jaime Acioli

P. 41: *Marine*, Claude Monet

P. 42: *Le jardin du Luxembourg*, Henri Matisse

P. 43: *Les deux balcons*, Salvador Dalí

P. 44: *La danse*, Pablo Picasso

P. 45: © André Teixeira / Agência O Globo

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T188A

Tardáguila, Cristina

A arte do descaso: a história do maior roubo a museu do Brasil /

Cristina Tardáguila. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

192 p.

ISBN 978-85-8057-896-6

1. Roubo de objetos de arte - Brasil - História. I. Título.

15-28530

CDD: 364.1620981

CDU: 343.71(81)

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 - Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

**Para David e Clara, razões
supremas do meu viver.
Para Ubirajara e Ana
Regina, exemplos únicos de
coragem e dedicação.
Para Felipe, Mariana
e Bernardo, meus eternos
companheiros.**

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

“A gente só quer os quadros!” 9

CAPÍTULO 2

“Em meio a ricos unhas de fome, um Médici” 25

CAPÍTULO 3

“Você me obriga a lembrar o que quero esquecer” 47

CAPÍTULO 4

“Nenhum policial pediu nossa versão” 65

CAPÍTULO 5

“Deu tudo certo. A Kombi já está retornando” 79

CAPÍTULO 6

“Mas, afinal, quem rouba arte?” 93

CAPÍTULO 7

“Queimaram as telas?” 113

CAPÍTULO 8

“Política do descaso” 127

CAPÍTULO 9

“Levei aos antiquários e todo mundo se interessou” 145

CAPÍTULO 10

“Resgates nunca devem ser pagos” 155

CAPÍTULO 11

“Como assim, o IPL não está aí?” 169

EPÍLOGO

Ainda dá tempo 179

BIBLIOGRAFIA

185

AGRADECIMENTOS

187

CAPÍTULO 1

“A
GENTE
SÓ QUER OS
QUADROS!”

Passava um pouco das quatro da tarde daquela sexta-feira, 24 de fevereiro de 2006, quando dois homens magros aparentando menos de trinta anos de idade subiram, ofegantes e suados, a rampa de acesso ao Museu da Chácara do Céu, num dos pontos mais altos de Santa Teresa, na Zona Central do Rio de Janeiro. Com cerca de 1,70 metro de altura, usavam roupas semelhantes e, ao mesmo tempo, um tanto inadequadas ao calor de quase 35 graus daquele dia: calça jeans, camisa polo abotoada até em cima e tênis de cadarço. O mais novo portava ainda um boné branco do tipo safári, nada usual nas ruas cariocas.

Era Carnaval — mais precisamente o primeiro dia do feriadão que se estenderia até a Quarta-Feira de Cinzas —, e o bairro já pulsava no ritmo da festa. Por suas vielas íngremes e sinuosas, milhares de pessoas se acotovelavam, mostrando enorme disposição para beber, cantar, pular e paquerar ao som dos sambas entoados pelo bloco de rua mais tradicional da região, o das Carmelitas.

Situada no centro do terreno de número 93 da rua Murinho Nobre, a menos de quinhentos metros do bar onde os foliões das redondezas costumam se concentrar, a Chácara do Céu é uma mansão retangular de três andares e traços modernistas. Construída em 1954, serviu de residência ao empresário e mecenas franco-

-brasileiro Raymundo Ottoni de Castro Maya (1894-1968) até sua morte. Em 1972, transformou-se em um museu. Para chegar até a Chácara, é preciso vencer a tal rampa, que, com cerca de cem metros de extensão, serpenteia por entre um farto bambuzal. Após a rampa, já no alto do terreno, o visitante encontra um pátio amplo e um belo jardim que contorna a mansão.

Vista do lado de fora, a construção parece simples. Suas paredes intercalam tons de bege com pedras aparentes e gigantescas janelas de vidro. Para entrar, é preciso cruzar pilotis de pé-direito baixo e uma porta de vidro blindado com mais de três centímetros de espessura. Antes, no entanto, vale parar e apreciar a deslumbrante vista da baía de Guanabara. Em linha reta, no horizonte ao longe, o Pão de Açúcar fica à direita, a Ponte Rio-Niterói, à esquerda, e, no centro, todo o vaivém de aviões do Aeroporto Santos Dumont. Graças ao bambuzal, que funciona como uma espécie de isolante acústico para a casa, o silêncio por ali é absoluto.

O jardim, assinado pelo renomado paisagista paulista Roberto Burle Marx, tem cerca de 25 mil metros quadrados e reúne exemplares da flora da Mata Atlântica. Respirar por suas imediações é um alívio para os pulmões e arrastar os pés por sua grama produz efeito relaxante imediato. Quem passeia pelo terreno vê pássaros que não circulam por outros pontos da cidade e insetos característicos do que, um dia, foi o Rio de Janeiro tropical.

Por dentro, os três andares da antiga casa de Castro Maya são interligados por uma escada de madeira que, dizem, foi inspirada na do palácio de Versalhes, na França. Em cada andar há, no máximo, três cômodos. No térreo, fica um vasto salão, um corredor e duas saletas; no segundo andar, o jardim de inverno, a sala de jantar e a biblioteca de Castro Maya, mobiliadas como tal até

hoje. No último piso, o visitante encontra o quarto do mecenas e um cômodo que lhe servia de closet. No chão, tábuas corridas lustradas com afinco reluzem, conferindo ao ambiente um aspecto de limpeza, riqueza e nobreza.

Desde 1983, a Chácara do Céu é um museu administrado pelo Ministério da Cultura. Em seu acervo, guardam-se 22 mil peças reunidas pelo empresário e seus familiares durante oito décadas: entre 1880 e 1960. São pinturas, esculturas, azulejos, mobílias, pratarias, documentos e livros. O destaque é a maior coleção nacional de obras do francês Jean-Baptiste Debret, que esteve no Brasil na primeira metade do século XIX, com a chamada Missão Artística Francesa, e que, com seu traço inigualável, retratou como era viver no Brasil daquele tempo. De Debret, a Chácara do Céu abriga um total de 451 aquarelas, 58 desenhos e 29 gravuras — material considerado um tesouro da história nacional.

O museu conta também com um grande número de obras reunidas do pintor paulista Candido Portinari, que tem trabalhos expostos em locais como a Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York. Conhecido por abordar questões sociais e cenas religiosas, Portinari era amigo de Castro Maya e chegou a retratá-lo numa tela — uma das primeiras que se veem logo na entrada da casa. Mas o acervo vai além. Integram a coleção obras de pintores como Di Cavalcanti, Alfredo Volpi, Iberê Camargo, Antônio Bandeira e Manabu Mabe, além de Modigliani, Georges Seurat, Edgard Degas e Joan Miró. Sem falar nas louças chinesas e nos móveis setecentistas, por exemplo.

Apesar da importância artística de sua coleção, o museu nunca figurou entre os principais atrativos turísticos do Rio de Ja-

neiro. Normalmente, não há mais do que dez pessoas admirando as obras de um mesmo andar. Por que os brasileiros lotam museus na Europa e nos Estados Unidos, mas não frequentam os que existem por aqui? Por que viajam horas e enfrentam longas filas para ver pinturas famosas expostas no exterior e não visitam a Chácara do Céu, que tem dezenas delas?

Nos jornais cariocas, a Chácara raramente ganha destaque. Suas exposições permanentes e mostras temporárias se perdem com facilidade em meio aos “tijolinhos” que compõem diariamente as páginas da programação cultural do Rio. Também não ajuda em nada o fato de nenhuma linha de ônibus ou bonde — meio de transporte característico de Santa Teresa — passar em frente ao seu portão.

A bilheteria da Chácara vende uma média de cinquenta entradas por dia. No entanto, espalhada por todo o terreno da instituição, essa meia centena de visitantes não faz vista alguma. Não representa nada. E, naquela tarde de 24 de fevereiro, quando os dois homens, ofegantes e suados, despontaram no pátio do museu, a frequência de turistas não era muito diferente da habitual. Circulavam pelo interior da casa apenas cinco pessoas: um casal de neozelandeses de aproximadamente trinta anos, duas universitárias australianas que tinham acabado de completar 21 e um taxista brasileiro que as havia acompanhado até o local. A voz deles ecoava pela mansão, e era possível identificar com precisão em que cômodo cada um estava.

Foi enquanto garantiam a tranquilidade do passeio desse pequeno grupo que os três seguranças de plantão naquela tarde notaram a chegada dos dois homens ao pátio e estranharam o modo abrupto como subiam a rampa.

— Olha aqueles caras lá embaixo* — disse Edinaldo Silva, que trabalhava na Chácara do Céu havia seis meses e que, naquele dia, prestava serviço no segundo andar.

— Pois é... Meio estranho... — concordou o colega Wilson de Mattos, espichando os olhos pelo janelão da biblioteca. — Vou fazer uma ronda lá embaixo e ver qual é.

Sebastião Guedes, que completava o trio, assentiu com a cabeça, autorizando Wilson a deixar seu posto e verificar, de perto, os dois indivíduos. Com mais de nove anos de trabalho na Chácara, Sebastião era o mais experiente deles e também havia se incomodado com o comportamento da dupla, que passara a conversar, quase cochichando, lá no pátio.

Ao chegar ao térreo, contudo, Wilson viu que os dois homens tiravam dinheiro da carteira e compravam — dentro da mais plena normalidade — dois ingressos para conhecer o museu. José Ângelo, funcionário responsável pela bilheteria, recebeu os valores, entregou o troco e repassou as duas entradas aos visitantes. Wilson então sacudiu a cabeça, como que tentando se livrar da adrenalina que percorria seu corpo, e decidiu aproveitar a viagem para ir ao banheiro dos funcionários, no pátio. Estava muito perto do horário da troca de guarda: ele e seus colegas seriam substituídos pelo vigia da noite, e isso lhe trazia alívio. Mas, ao dar o primeiro passo nesse sentido, notou que outros dois homens se aproximavam da mansão pelo lado oposto da rampa, na direção do jardim, e que eles também cochichavam. Um parecia ter trinta anos. O outro, bem menos de dezoito.

— Boa tarde — disse-lhes o vigia, interrompendo a conversa.

* Os diálogos foram extraídos do inquérito policial referente ao caso (IPL nº 2006.51015138422) e modificados para que ficassem na voz ativa, em vez da voz passiva, conforme redigido pelos policiais.

— Boa tarde — respondeu o mais velho. — Isso aí está fechado? — emendou o homem, apontando o dedo para o palacete do Parque das Ruínas, uma construção de tijolinhos aparentes erguida no terreno vizinho ao da Chácara ainda nos anos 1930.

— Ah, sim, sim. Já tem um tempo — devolveu Wilson, já bem perto do banheiro masculino.

— Ah! Então não reage, senão morre! — esbravejou subitamente o adolescente, sacando uma pistola prateada da cintura e apontando na direção de Wilson.

No mesmo instante, seu companheiro correu para dentro da Chácara e, gritando, rendeu José Ângelo na bilheteria.

— Levanta! Levanta agora! Senão eu vou explodir todo mundo aqui!

Na mão, o criminoso apertava um objeto redondo e escuro, pouco menor do que uma maçã. Para José Ângelo, que havia servido no Exército, não restavam dúvidas: o que o homem carregava era uma granada.

— Calma! Calma! — pediu José Ângelo enquanto era empurrado para dentro de uma das saletas situadas atrás do balcão da bilheteria. — Eu já vou! Já estou indo!

— Shhh! Silêncio! — retrucou o criminoso, irritado. — Silêncio, senão a gente explode isso tudo aqui! Já falei!

E, ao mesmo tempo que o bandido ameaçava José Ângelo, ele puxava fios e desligava o sistema de câmeras de vigilância instalado três anos antes na casa. Com agilidade, também recolhia as fitas cassete que estavam a seu alcance e que haviam gravado o vácuo da mansão não só naquele dia, como nos três anteriores.

Os gritos que irradiavam do térreo serviram para colocar em ação a dupla que comprara ingressos e já estava no segun-

do andar. Assim, um dos homens de calça jeans e camisa polo pegou uma das facas de prata que estavam sobre a mesa de jantar de Castro Maya e, com ela, ameaçou o casal de neozelandeses. Emma Claire Smith, que não entendia nada de português, agiu em arco reflexo. Arrancou a bolsa do ombro e a ofereceu ao bandido, pensando tratar-se de um assalto comum. Mas logo em seguida, ao compreender os gestos do ladrão, agarrou-se aos braços de David Bokoi, seu namorado, e desceu às pressas a escada de madeira. No caminho, Emma chorava copiosamente, mas viu quando o criminoso subiu num dos móveis para cortar os fios de náilon que sustentavam uma das pinturas ali expostas.

O criminoso foi então na direção do vigia Sebastião, que, vendo que ele portava apenas uma faca de mesa, pensou em reagir. Entretanto, com o olhar, percorreu o próprio corpo e se deu conta de que a única arma que tinha por perto — por instrução expressa da direção do museu — era o apito, e ele estava guardado no bolso. Sebastião deu-se por rendido, levantando os braços, e se somou aos estrangeiros nos degraus. Enquanto isso, no terceiro andar, o quarto membro da quadrilha agia de forma semelhante. Obrigava as duas universitárias australianas, Lauren Jubb e Leah Dunne, o taxista, José Paulino Thiengo, e o vigia Edinaldo a se deslocarem para a saleta do primeiro andar, onde funcionava o sistema de telefonia da casa e onde todos os demais já estavam presos. Não há registros de que ele estivesse armado. Sabe-se apenas que gritava insistentemente:

— Pode descer! Tá todo mundo rendido! Pode descer!

A segurança da Chácara do Céu era feita pela Aliança Vigilância e Segurança, uma empresa terceirizada com sede na cidade de Magé, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Por pouco mais

de 13 mil reais ao mês, a Aliança mantinha no museu seis homens que se revezavam em turnos de até doze horas. O salário de cada um rondava os 700 reais, o equivalente a menos de dois salários mínimos na época — e isso era motivo de queixas constantes entre os contratados. Em 2011, quando comecei a investigar o caso, tentei localizar os donos da Aliança. Liguei para o número que constava no catálogo telefônico, mas jamais obtive retorno. Na Chácara, me informaram que a empresa havia fechado e que nada se sabia de seus proprietários.

Segundo relato das testemunhas, a rendição no museu aconteceu em menos de cinco minutos e o saque, em aproximadamente meia hora. Nesse meio-tempo, os quatro criminosos fizeram nove reféns e os submeteram a momentos de pânico genuíno. Disposto a coibir qualquer tentativa de fuga, o mais jovem dos bandidos passou todo o tempo sacudindo a pistola no ar e ameaçando dispará-la dentro da pequena sala de telefonia. Faria isso ante qualquer movimento que considerasse suspeito. E, para testar seu poder, ordenou, logo nos primeiros instantes, que todos entregassem seus objetos pessoais.

As australianas Lauren e Leah, que haviam chegado à cidade dois dias antes, entenderam os gestos do menor de idade e despejaram no chão tudo o que carregavam nas mochilas. Levavam com elas dois passaportes, 2,3 mil dólares em cheques de viagem, 3 mil dólares em dinheiro, duas câmeras de foto, dois cartões de banco, um pequeno aparelho de mp3, uma carteira de motorista e as quatro passagens de avião que as levariam de volta à Austrália. A quadrilha ficou com tudo.

Os neozelandeses David e Emma, que faziam um tour pela América do Sul, imitaram as australianas e entregaram 600 reais,

uma câmera fotográfica, uma carteira e uma bolsa. O que mais atormentou o casal, no entanto, foi ter perdido para o crime o anel que David tinha dado a Emma dias antes, em sinal de seu compromisso de noivado.

O taxista Thiengo passou para o criminoso seu relógio de pulso, o celular e a nota de 10 reais que guardava no bolso. Conseguiu manter consigo a chave do táxi, estacionado no pátio. Mais tarde, ao registrar suas perdas na Delegacia de Atendimento ao Turista, elencou esses itens, contou ter levado um tapa no rosto, desferido pelo adolescente, e se declarou incapaz de ajudar a identificá-lo, tamanho o nervosismo na hora do roubo.

— Eu quero todo mundo calmo! Todo mundo calminho! — repetia o adolescente armado, fazendo os reféns se espremerem na parede oposta à porta da saleta. — A gente só quer os quadros! Só os quadros! Mas se vocês tentarem sair daqui vão morrer, hein?!

E foi aí que boa parte do grupo entendeu que não se tratava de um crime comum, e sim de um roubo de arte. Também foi aí que os vigias Sebastião e Edinaldo compreenderam a cena vista um pouco antes: a de um dos criminosos escalando um dos móveis da biblioteca para tentar arrancar da parede uma pintura. Por alguns minutos, aquilo lhes parecera bastante insólito. Porém, com aquela explicação do adolescente, a cena ganhara um triste sentido.

O estrago feito no acervo da Chácara do Céu naquele fevereiro de 2006 foi estrondoso. Em todos os níveis. De uma só vez, o museu perdeu dois trabalhos do espanhol Pablo Picasso, um dos fundadores do movimento cubista e mundialmente conhecido por obras-primas como *Guernica*; uma pintura do francês Claude Monet, ícone do Impressionismo; um óleo do também francês Henri Matisse, uma das maiores expressões do Moder-

nismo mundial; e outro do catalão Salvador Dalí, pai dos famosos relógios derretidos e maior nome do Surrealismo. Juntas, em 2006, as cinco peças roubadas valiam mais de 10 milhões de dólares. Estavam entre as mais admiradas e prestigiadas da Coleção Castro Maya e pareciam ter sido escolhidas a dedo, uma vez que diversas outras obras de grande valor foram deixadas para trás.

A maior parte do roubo ocorreu no segundo andar da casa. Da antiga sala de jantar, foi arrancado o óleo sobre tela *Marine* (Marinha). Pintado por Monet na década de 1880, ele havia sido comprado em 1954, em Paris, pelo próprio Castro Maya, que se encantou com a obra na galeria Katia Granoff, uma das mais respeitadas de sua cidade natal. A pintura era tida por funcionários do museu como de difícil manuseio, pois era grande e pesada: 91 centímetros de largura e 65 centímetros de altura. *Marine* não era esteticamente simples. Em tons pastel, retratava um litoral montanhoso e inabitado, situado, muito provavelmente, no sul da França. Chamava a atenção o tom utilizado pelo pintor para adornar o céu. Nada de azuis, cinza ou brancos, mas sim um inusitado verde para recobrir a paisagem.

Segundo os peritos da Polícia Federal que analisaram a cena do crime, para arrancar o óleo da parede, avaliado em 2 milhões de dólares, os criminosos tiveram um cuidado curioso. A pintura ficava acima de um aparador de madeira repleto de louças chinesas. A fim de arrebentar os fios de náilon que a sustentavam, eles tiraram todas as peças do móvel, subiram nele com uma faca na mão e, depois de cortarem os fios e removerem a pintura, tiveram a delicadeza — ou a cômica gentileza — de devolver as louças ao seu lugar de exposição. Foi nelas que a polícia encontrou as primeiras impressões digitais, imagens parciais que mostraram

apenas as pontas dos dedos e que, infelizmente, jamais levaram à abertura de uma linha de investigação.

A segunda peça a ser roubada pela quadrilha foi *Le jardin du Luxembourg* (O jardim de Luxemburgo), óleo pintado por Matisse em 1905 e comprado por Castro Maya em 1947, em uma visita à galeria Alph Bellier, também em Paris. Por anos a fio, a obra, considerada uma das queridinhas do colecionador, adornou a biblioteca de sua casa. Medindo pouco menos do que uma página de jornal — 40,5 centímetros de altura por 32 centímetros de largura —, chamava a atenção por seus traços, cores, perspectiva e composição. *Le jardin* retratava um parque fartamente arborizado — um ambiente calmo e colorido — e, assim como *Marine*, expunha um espaço livre de animais e seres humanos. Em sua simplicidade, espelhava árvores altas, de copas amareladas, e uma espécie de caminho de terra ou areia entre elas. Ao centro, um pedestal.

De acordo com os peritos, para deslocar essa pintura da parede os ladrões precisaram fazer muita força. No local onde a tela estava fixada, foram encontradas marcas que fizeram supor que uma colher — talvez uma de prata, retirada da mesa de jantar de Castro Maya — tenha servido para afastar a pintura da parede e uma faca tenha ajudado a romper os fios de náilon. Ainda conforme a polícia, provavelmente dois homens agiram em conjunto no ataque a *Le jardin*. Sem uma parceria, sua remoção teria sido praticamente impossível. Nos laudos relativos ao crime, afirma-se que, quando foi arrancado da biblioteca, o Matisse caiu sobre uma cômoda situada abaixo dele que também integrava a coleção. Nela foram encontrados resíduos de moldura e arranhões. Na época do roubo, *Le jardin* era uma das peças mais caras da Chácara do Céu, sendo avaliada em pelo menos 3 milhões de dólares.

Ainda na biblioteca, acima de uma terceira cômoda, ficava *La danse* (A dança), óleo sobre tela pintado por Picasso em 1956. Comprado por Castro Maya três anos depois na galeria francesa L. Bourdon, o quadro tinha um metro de altura por 81 centímetros de largura. Foi, portanto, a maior pintura levada naquele fevereiro. Entre críticos de arte, há quem diga que *La danse* é uma releitura de uma obra homônima famosa de Matisse finalizada em 1910. Mas, apesar das semelhanças visuais, não há provas nem registros históricos que confirmem a hipótese.

No óleo de Picasso, o admirador identifica quatro silhuetas humanas, crianças dançando ao som de um trompete empunhado por um adulto. Embora nenhuma das figuras tenha rosto aparente, não há dúvida de que estão felizes. Ao ar livre, em uma floresta de árvores grandes, divertem-se em meio à beleza da vida. De acordo com o catálogo *raisonné* de Picasso, *La danse* integra uma série de quatro óleos concluída pelo pintor num mesmo dia. Quando foi roubada, valia 2 milhões de dólares e era — nada mais nada menos — a única pintura de Picasso exposta numa coleção pública brasileira.

A quarta obra levada foi o óleo sobre madeira que Dalí batizou com uma frase: *Homme d'une complexion malsaine écoutant le bruit de la mer sur les deux balcons* (Homem de aparência doentia escutando o barulho do mar sobre as duas varandas). Pintado em 1929, com 34,5 centímetros de largura por 23,5 centímetros de altura, ou seja, mais ou menos do tamanho de uma folha A4, a obra mostrava dois edifícios paralelos com dois homens olhando pela janela — um em cada prédio. Carinhosamente apelidada de *Les deux balcons*, a peça despertou a atenção de Castro Maya em 1949, na capital francesa.

O óleo misturava tons de azul e marrom e ficara pronto quando Dalí tinha apenas 25 anos. Num primeiro momento, lembra um jogo dos sete erros, desses que as crianças gostam de enfrentar quando têm entre seis e oito anos. Na imagem, a metade da esquerda parece idêntica à da direita, mas não é. O homem que está à porta do edifício da esquerda mostra clara disposição de sair de casa para experimentar a vida lá fora. O que está na varanda do prédio à direita passa a sensação oposta. Parece buscar refúgio no silêncio de sua sombria residência. Quando foi levado, *Les deux balcons* valia 3 milhões de dólares e, como *Le jardin*, era uma das mais caras da coleção. De acordo com os peritos, teve seus fios de náilon arrebitados à força.

A quinta e última obra roubada naquele dia foi o livro de gravuras *Toros* (Touros), que reunia quinze pranchas soltas de ilustrações feitas por Picasso. A obra costumava ficar à mostra numa estante envidraçada em frente à antiga mesa de trabalho de Castro Maya. Para levá-la, os ladrões moveram, sem quebrar, um vidro de 1,1 metro de comprimento por quarenta centímetros de altura e, em seguida, o devolveram ao local. Outras impressões digitais foram encontradas nesse vidro. Mas eram parciais e igualmente incapazes de levar a polícia a avançar nas investigações. Ao contrário do que se possa imaginar, essas imagens não integram o inquérito referente ao roubo, pois não foram anexadas aos documentos oficiais. De certa forma, parecem perdidas no tempo e no espaço, em meio ao mais contundente descaso.

Sobre *Toros*, vale ressaltar que, quando foi roubado, não estava completo. Três de suas quinze pranchas haviam sido retiradas da estante e aguardavam restauração na reserva técnica do museu. Isso significa que o dono das digitais colhidas, o indiví-

duo que tirou *Toros* do horizonte dos admiradores da arte, levou com ele não só um trabalho incompleto, mas uma obra cujo valor de mercado está muito próximo de zero (seu preço de mercado antes do roubo não consta do inquérito). Um erro? Talvez.

— Vamos embora! Vamos embora! — gritaram os três criminosos mais velhos na direção do adolescente armado, que vigiava a saleta de telefonia.

O jovem então olhou para os lados e, usando toda a força que tinha, puxou a porta que selava o pequeno quarto sem janelas. Antes de fugir em disparada, alertou:

— Se tentarem sair daí, a gente mata vocês aqui fora.

Por cerca de quinze minutos os nove reféns permaneceram em silêncio, anestesiados pelo que havia acabado de acontecer. Depois, aos poucos, os neozelandeses e as australianas começaram a trocar as primeiras palavras em inglês; e os vigias e o taxista, a debater a estratégia mais segura para deixar a saleta. Edinaldo, o último vigia a ser rendido, colocou a mão no trinco da porta e constatou que o cômodo não tinha sido trancado. Correu para fora e, olhando pela janela basculante mais próxima, afirmou que já não havia ninguém nem na casa nem no pátio. Wilson, seu colega de turno, voou para o telefone e discou tanto para a Aliança Vigilância e Segurança quanto para o 190, da Polícia Militar. Em ambos os casos, contou que a mensagem foi a mesma. Algo como:

— O Museu da Chácara do Céu, aqui em Santa Teresa, acaba de ser roubado. Precisamos de ajuda. Venham rápido! O mais rápido que puderem, por favor!

Rio de Janeiro. Carnaval de 2006.

Um grupo armado entra no Museu da Chácara do Céu, em Santa Teresa, durante o desfile do bloco das Carmelitas.

Levam cinco obras: um Dalí, um Matisse, um Monet e dois Picassos. Valor estimado na época: mais de 10 milhões de dólares.

Dez anos se passaram sem que se descobrisse onde elas foram parar.



ISBN 978-85-8057-896-6



www.intrinseca.com.br